

## TRABALHO E VIDA COTIDIANA: CONTANDO A CIDADE

CARLOS WILLIAN SCHNAVANZ SALGADO<sup>1</sup>; WILLIAM HECTOR GOMEZ SOTO<sup>2</sup>

<sup>1</sup>*Universidade Federal de Pelotas – carloswillianschnavanz@gmail.com*

<sup>2</sup>*Universidade Federal de Pelotas – william.hector@gmail.com*

### 1. INTRODUÇÃO

Este trabalho consiste nos primeiros resultados da pesquisa sobre sociologia da vida cotidiana, intitulado “Cidade, vida cotidiana e imagem” na qual construo como bolsista. Ainda em fase inicial, este trabalho deseja tratar as nuances da vida cotidiana, assim, pretendendo mostrar como as formas de trabalho tradicional buscam sua permanência diante das inovações do mundo moderno. E, como melhor forma de evidenciar as transições sociais, aparecerão as profissões em iminência de desaparecimento com destaque nesta análise.

A compreensão do cotidiano se faz necessária em ciências sociais, pois os grandes acontecimentos da história tiveram sua trama desenvolvida no cotidiano, que ao remeter a normalidade, passa despercebido, como um tempo repetitivo, difícil de ser apreendido. Contudo são as ações de “todo dia” que delimitam e caracterizam esse tempo em diferentes espaços (MARTINS, 2000).

Cabe ao pesquisador, captar no corriqueiro, as transformações do mundo social, ao que parece ser os momentos de transição, loci privilegiado na interpretação do cotidiano. É na fronteira, na liminaridade dos eventos inscritos no cotidiano que se torna mais nítido as tradições e as inovações.

São destas duas formas de pensar: a passada e a futura, que definem o presente e sua singularidade. As tradições são menos repositórios e mais estratégias do que já se sabe, para melhor adequar-se ao novo. Ganham novos arranjos enquanto permanecem. A partir do aporte teórico utilizado, o objeto destacado para analisar a permanência do tradicional no moderno foi o cotidiano dos trabalhadores que estão com suas profissões em vias de extinção.

As estratégias adotadas por estes trabalhadores para atualização de suas profissões é um elemento essencial para compreender (sentido e significado), como os indivíduos adequam-se às transformações no mundo social. O trabalho é o responsável por muitos arranjos nas personalidades dos indivíduos, da ordem do social ele incide diretamente na vida destes indivíduos, exercendo uma certa coerção como já sinalizava Durkheim (PAIS, 1986).

O que não se deve perder de vista é que a desinstitucionalização é uma crescente, a individualização corresponde a sociedade tecnológica- como a pessoalização está contida na vida comunitária- portanto o trabalho força a personalidade dos indivíduos, ou seja, é o ponto do qual percebem o mundo. É a profissão que media a sua relação com o “outro generalizado” (PAIS, 1996).

### 2. METODOLOGIA

A metodologia utilizada tem sido de cunho qualitativo, consistindo em entrevistas abertas, de caráter exploratório neste primeiro momento, acompanhado de revisão da bibliografia. Desta maneira a etnografia tem se construído.

As técnicas como entrevistas e observações, ganham novos contornos quando se trata do artesanato intelectual, sendo possível a utilização de outras ferramentas que a “imaginação sociológica” suscita, como a “passeiologia” (PAIS, 2015), em que o autor nos orienta a usar o passeio, como forma de observar o cotidiano nos meios urbanos. Que em um primeiro momento tem sido utilizado, através de caminhadas e viagens realizadas em veículos individuais da mobilidade urbana (táxi, uber, etc).

### 3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

Importante neste início de pesquisa foi o trabalho produzido pelo Núcleo de Documentos Históricos NDH/UFPEL, neste livro “À Beira de Extinção” (GILL; SCHEER, 2015) está contida a história de profissões que já desapareceram e outras que estão na iminência de desaparecimento. A partir dos documentos disponíveis no núcleo será possível aprofundar a análise sobre as transformações que estão ocorrendo no mundo do trabalho e seus possíveis reflexos na congruência do sistema social.

O que receberá atenção ao tratarmos da modernidade são seus símbolos e como os indivíduos os significam no seu dia a dia, são as estratégias de adequação que estiveram no enfoque desta exploração. Ora, se existe o novo, se na reprodução está aberto um certo espaço para a produção, para surgimento do novo, é nessa transição que é possível compreender o presente (MARTINS, 2000). Quando o velho busca a adequação ao novo há uma força coercitiva reforçando a iminência do desaparecimento do que foi. Portanto é a nível dos indivíduos que operam estes mecanismos que se deve olhar, pois é a nível individual que a modernidade pode se constituir em crítica do moderno. O novo encontra resistência nos significados mais ou menos conscientes que os indivíduos atribuem a ele. Em destaque aparece a fala de dois taxistas e um motorista de aplicativo, que melhor ilustram estas transformações:

T1: “O serviço que os *uber* fazem é ilegal, não precisa de ponto nem de identificação do veículo.”

T2: “Agora estamos tendo que correr atrás, para eles é mais barato fazer a corrida, ai podem oferecer até “balinha”.

M1: “Meu pai e meu tio foram taxistas, agora eu sou *uber* porque é menos burocrático, dá mais lucro”.

Esta pequena amostra das falas dispostas em sequência demonstram com clareza a resistência que os taxistas dispõem ao novo serviço, chamando inclusive de “ilegal”, devido ao desconhecimento em relação a modernização do serviço. Portanto são estes trabalhadores, contando suas experiências cotidianamente que com seus discursos caracterizam os espaços e suas transformações.

São esses trabalhadores que têm como prática diária contar a cidade, em simbiose com os seus veículos, onde se tornam um, que em perfeita sintonia ouvem e contam histórias. Os discursos produzidos sobre a cidade dizem muito sobre sua organização em um determinado espaço e tempo, neste caso o espaço urbano é significado pelo uso que dele fazem os trabalhadores da mobilidade urbana.

Auxiliado pelos artigos produzidos pelo NDH/UFPEL, que analisam as mudanças no mundo do trabalho, é possível perceber a existência de estratégias que os trabalhadores se utilizam na tentativa da manutenção de suas profissões. A observação dos motoristas de veículos individuais, táxis e aplicativos permite comparação destas estratégias utilizadas para diferenciar a prestação de um

mesmo serviço, que permaneceu longo período sem concorrente, como é o caso dos taxistas. Até o presente momento tem sido possível verificar a intensa incrementação dos veículos, que dispõem de vários apetrechos (dvd, display, etc.), acompanhado da expansão dos canais de comunicação, utilizando-se das redes sociais (Facebook, WhatsApp). Ou seja, na expansão do setor de serviços das economias modernas, os consumidores desejam rapidez e comodidade.

#### **4. CONCLUSÕES**

A observação dos trabalhadores da mobilidade urbana consiste em tema relevante nas mudanças no mundo do trabalho, porém não se reduz a uma análise de viés econômico, e sim como um ponto de onde pode ser percebida a cidade e os que nela vivem e trabalham, circulando por seus espaços. Olhar o cotidiano junto com os indivíduos que o constroem é característica da boa sociologia (MARTINS, 1997).

Desta forma tem se construído o cotidiano do pesquisador ainda em fase preliminar, o exercício em curso permitirá maior nitidez do processo de desaparecimento das profissões e (re)invenção dos trabalhadores, em um mundo cada vez mais fugaz.

## 5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- GILL, L. A.; SCHEER, M. I. (Orgs.). **À beira da extinção**: Memória dos trabalhadores cujos ofícios estão em vias de desaparecer. Editora UFPel, Pelotas – RS, 2015.
- MARTINS, J. de S. **Exclusão social e a nova desigualdade**. São Paulo: Paulus, 1997.
- MARTINS, J. S. **A sociabilidade do homem simples**: cotidiano e história na modernidade anômala. 1<sup>a</sup> ed. São Paulo: Editora Contexto, 2000.
- PAIS. J. M. Paradigmas sociológicos na análise da vida quotidiana. **Análise Social**, v. XXII, n. 90, p. 7-57, 1986.
- PAIS. J. M. Das regras do método, aos métodos desregrados. **Rev. Sociol. USP**, v. 8, n. 1, p. 85-111, 1996.
- PAIS. J. M. Deambulações cotidianas: a emergência de um método na observação dos sem-teto. **Estudos de Sociologia**, v. 1, n. 21, 2015.